

O Lírio

Ana Paula Roldão

FICHA TÉCNICA

EDIÇÃO: Vírgula (Chancela Sítio do Livro)

TÍTULO: O Lírio

AUTOR: Ana Paula Roldão

CAPA: Sítio do Livro

PAGINAÇÃO: Paulo Silva Resende

1.ª EDIÇÃO

LISBOA, 2010

IMPRESSÃO E ACABAMENTO: Agapex

ISBN: 978-1-4457-4900-6

DEPÓSITO LEGAL: 310176/10

© ANA PAULA ROLDÃO

PUBLICAÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO

Sítio do Livro, Lda.

Lg. Machado de Assis, lote 2 — 1700-116 Lisboa

www.sitiodolivro.pt



ACORDO, não sei bem que dia é, mas também não posso dizer que seja algo que realmente importa. Se formos a ver todos os dias são iguais, o hoje uma continuação de ontem, um prelúdio do amanhã.

Ouçó o silêncio da casa, de tal forma estonteante que fico quase enjoada. Não sei porquê surpreende-me sempre. Sei que deveria ser de outra forma, mas não é, e no final o silêncio acaba sempre por me surpreender.

Ainda é de noite, o meu corpo não reage logo ao despertador. Quer continuar a sentir-se morto. Sou como um ser morto. Como é um ser morto? A Igreja diz-nos que ou vamos para o Paraíso ou para o Inferno. Dependendo das nossas acções, das nossas escolhas, das nossas intenções... Deitando de lado tais reflexões, levanto-me.

Vou de metro. Pouco utilizo o carro, não gosto de sentir dependência em relação a nada. Não são as coisas que nos pertencem, somos nós que pertencemos às coisas.

Ir de metro é um sacrifício que faço, todos os dias, é uma punição que me inflijo. Não gosto dos ajuntamentos, não gosto de estar rodeada daquelas pessoas, mas vou, e sinto um prazer masoquista no meu próprio sofrimento.



– Bom dia Maria – Etelvina é uma rapariga simpática, baixinha, trigueira, com um olhar que parece estar sempre a sorrir. Mas demasiado faladora, e a tentar um pouco para o hipócrita, mas independentemente disso, boa rapariga, mas de facto não me apetecia nada ter de falar com ela. Porque não falam as pessoas só o essencial? E desviarem o olhar? Detesto olhar para as pessoas... quão perfeito seria o mundo assim... – Como estás hoje, querida?

Odeio quando me chamam de querida, sou tudo, menos querida: – Estou bem, obrigada. E tu? – Faço a pergunta por cortesia, por uma obrigação social, não quero saber, mas ela não entende, nunca entende. Ou não quer entender?

– Mais ou menos – *“Aqui vamos nós!”* – ontem o Diogo não me atendeu o telemóvel. Acho que está chateado comigo, ou então anda com outra, alguma colega da faculdade...aposto. – Pausa – Também é compreensível, afinal ele é professor e eu... – Não acabou. Ótimo, assim não tenho de ouvir a sua auto comiseração.

– Não te deixes entrar no desânimo, sabes que é altura de exames e isso mantém-no bastante ocupado. Terá desligado o telemóvel por isso. Tens de ser paciente. És linda e o Diogo adora-te. Porque haveria de te trair? – Quão mentirosas as mulheres podem ser entre si.

Olho-me ao espelho da loja, à minha frente vejo a mulher que os outros vêem, sem a sentir... silenciosa, discreta, magra, pequena, olhar intenso. Dita como boa pessoa, humilde ... (se soubessem!). Empregada numa loja de roupas no centro da Baixa Lisboeta, solteira, sem filhos, irmãos ou pais... Aparentando uma velhice que contrariava os meus 32 anos. Não física, uma velhice interior, uma alma velha... Nem bonita, nem feia... *“indefinida”* – Penso. Aquele pensamento aborrece-me, viro as costas ao espelho, culpando-o a ele por não mostrar algo diferente.

Fecho a loja, o dia não foi bom, nem mau, para a época de recessão económica que se vive. Os políticos escondem a verdade, as vozes que tentam passar alguma informação, rapidamente são silenciadas. Cada



um tem o que merece, se os portugueses estão na miséria é porque o merecem, pois são uns miseráveis – “*Eu sou uma miserável*”. Não me importo com a economia, não me importo com a política, nem sequer com o aumento de assaltos e violações que tem havido... não me importo com nada. Minto a mim mesma dizendo que me importo com a minha alma. Tento descobrir algo dentro de mim... mas nunca descubro nada.

Mais uma noite, mais um dia, e assim eternamente.

Decido ir falar com o padre, ou então podia sempre tomar uma medida mais contemporânea e ir a um psicólogo... sorriu perante a ideia. “Ou a um padre, ou a um psicólogo... a um terá de ser!” Quase todos os dias digo isto a mim mesma, numa tentativa infrutífera de me convencer, sabendo de antemão, que jamais farei uma coisa ou outra.

A autopiedade é viciante, quase todos que a sentem não conseguem viver sem ela.

Subo a Rua Garret, em direcção à igreja. Não sei porque vou sempre à mesma igreja, principalmente àquela, quando abomino o facto de estar rodeada de pessoas. Mas é a minha punição... Vou de cabeça baixa para não ter de olhar para os outros transeuntes. A variedade, a quantidade, o respirar, o viver dos outros... tudo cria em mim um intenso ódio, uma sensação de revolta, de mal-estar, de nojo... Se vão atrás, acho que me estão a seguir, se vão à minha frente, estão a mais.

Muitas vezes imagino-me sozinha no mundo, eu e estas ruas de pedra, já decadentes, a viver e a amar por completo a solidão. Aí não causaria a pena a ninguém, com excepção à minha própria, que sem essa não consigo viver.

Enquanto subo a rua, o pânico torna-se demasiado forte, quase não o consigo conter.

Entro na igreja, o silêncio, a solidão lá instalados são como um bálsamo para os meus sentidos.

Peço a Deus que arranque de mim este ódio que me consome, como um cancro. Está errado, eu devia sentir amor pelo meu semelhante, não



ódio. Porque tenho eu isto dentro de mim? Porque deixo que o ódio se alimente da minha alma e da minha carne? É o Demónio, sei que é. Sei que não sou má, sei que não sou boa, mas tinha de ser tão fraca? Tinha de ceder tão facilmente?

Olho ao redor e atrevo-me a penetrar mais pelo interior do edifício. Sinto medo, medo de ser fulminada. Sei que o mereço. Quem sente o que eu sinto deve ser castigada, severamente castigada, e no entanto não sou... Deus não me deve querer na sua casa, contaminando-a com o meu ódio.

Observo os santos, atentamente e sei que também eles me observam a mim. Sinto o seu olhar acutilante a atravessar-me, a perscrutarem-me a alma.

Aquilo que me chama mais a atenção, que sempre me chamou mais a atenção, são os dois anjos que se debruçam sobre o altar. Sempre gostei deles, com eles não me sinto ameaçada. Não me sinto diferente. Dizem que os anjos são etéreos, mas parecem-me os mais corpóreos de todos, os mais reais. Guerreiros. Transmitem a sua fúria bélica através de toda a igreja. Castigam e salvam com o mesmo ardor. Não estão imunes à tentação e ao pecado, a Bíblia o prova. São nossos irmãos...

Mais calma, sento-me num dos bancos da ala esquerda, sempre me sentei à esquerda. A esquerda é um local real, a direita um local idóneo... inacessível.

Respiro lentamente, ouvindo todos os sons à minha volta. Não se ouve nada da rua, daquele mar de gente, daquelas bestas... *“Controla-te, ou irás arder no Inferno”*, mas isso já é um dado adquirido. Espero, anseio por tal, num misto de medo e desejo, um desejo quase físico. *“Talvez deva de facto obter uns calmantes.”* Mas também para isso conheço a resposta. O Ódio é mau, maligno, no entanto tão sedutor... Não se nega e está sempre presente... e assim será o Inferno, sedutor, quente, acolhedor... *“Não, não me posso deixar cair na tentação em plena igreja, não me posso deixar cair em tais devaneios. O ódio é mau, o Inferno é mau, mau...”*



– O Inferno não existe!

Quase que grito com o susto. Não sei porquê, mas nem me atrevi a olhar para trás. Falava baixo, com uma voz suave, segura, quente, grave, mas tenebrosa. A espinha arrepiava-se-me, como a de um animal assustado. Praticamente não me mexo. Será que de tanto clamar pelo Inferno eu consegui chamar um dos seus seguidores?!

– O quê?! – balbuciei. Continuava de costas flectidas contra a madeira do banco. A minha carne começava a ressentir-se da pressão que fazia sobre ela. A sua presença era forte, quase que conseguia visualizá-lo. Tento acalmar o coração que parece querer sair do meu peito.

– O Inferno não existe. – repete a voz.

Está debruçado na minha direcção. Tão perto, sinto a sua respiração na minha nuca, mas tão distante. Estranhamente familiar. Porque não olho para trás? O que me assusta tanto?

Não sei quanto tempo fico nesta posição. Sei que quando me atrevo a virar, já não se encontra ninguém atrás de mim, um casal de turistas, ingleses? folheia os panfletos, uma velhota reza na ala direita... mais ninguém... já se foi embora. Quanto tempo estive parada?

Senti-me revoltada comigo mesmo por ter cedido ao medo, sem sequer ter atrevido um olhar ao homem. Algum lunático, com certeza. Vagabundo não era, que o seu perfume caro desmentia-o. Mas então quem era e o que queria? E queria alguma coisa? Porque disse aquilo, justamente naquele momento?!

“Em resposta aos meus desejos.” O medo do Diabo alcança-me novamente. Fosse como fosse só eu podia ser responsabilizada, não fora eu que me deixara cair na tentação?

Passo a noite a tentar decifrar o que o estranho queria dizer com aquilo de «o Inferno não existe». Porque terá ele dito aquilo? Quem era



ele? Porque o disse? Talvez a resposta fosse simples, talvez me estivesse a responder e pronto, e eu estava a criar uma situação que não existia. No entanto... não podia deixar de pensar que havia qualquer coisa além dessa simples explicação. O medo que senti não se deveu unicamente ao susto, deveu-se a ele. Havia qualquer coisa nele... Ou então estava a delirar.

Anseio por uma resposta e como tal a manhã seguinte foi um bocadinho, só um bocadinho melhor, o suficiente para não me sentir demasiado bem. Dizem que duas cabeças pensam melhor do que uma. Decido pôr isso em prática e vou ter com Etelevina, não tanto por achar que ela seria a pessoa mais apta para ajudar-me, mas simplesmente porque não tinha mais ninguém.

Relato-lhe o episódio, falo que estava na igreja, a pensar justamente no Inferno, sem esclarecer demasiado, quando me apareceu um homem, ou demónio, não sei bem, a dizer-me que o Inferno não existe, conto os restantes detalhes. Logo me arrependo de ter exposto o episódio a Etelevina. Ouve com muito interesse, e logo começa da pior forma, segurando-me numa mão:

– Querida, acho que foste visitada por um anjo. Um demónio não pode ser, pois estavas na casa de Deus, então só pode ser um anjo.

Não consigo perceber se está a falar a sério ou não.

– Só podes estar a gozar comigo! Ou se não o estás, então és doída. Acreditas mesmo nisso?

Não se surpreendeu com a minha reacção: – Tu é que deverias acreditar. Se acreditas que ele é um demónio, porque não um anjo? Mas na verdade, tal como eu, acreditas que ele é um maluquinho qualquer que te assustou na igreja, estando tu a pensar no Quinto dos Infernos. Maria... deixa-te de histórias, muito mais crente que tu sou eu. Eu ao menos acredito em Deus!

Fico aparvalhada, aquela era a Etelevina, a tontinha sorridente com quem eu trabalhava todos os dias?! Não consigo responder-lhe tal é o



espanto. Da surpresa passo para a raiva, ofendida, como se atreve ela a pôr em causa a minha fé? Como pode ela dizer que eu não acredito em Deus? Como se atreve?

Sinto a indignação a crescer dentro de mim. Ela não tem o direito de me julgar daquela forma. Quem pensa ela que é? Aqui armada em zozza e no final deixa cair a máscara. Durante toda a minha vida dediquei-me a Deus e vem agora esta dizer-me que ando a mentir?... Mas... e até onde não terá razão? Até que ponto não andarei a viver uma farsa? Não, não me posso deixar ir pelas palavras de Etelevina, é mais uma das tentações do demónio.

Sei que estou a exagerar, mas é necessário manter as minhas próprias crença, a minha farsa, necessito... é a minha base, é a única coisa que ainda tenho. Assim, quero mostrar a minha indignação a Etelevina pelas palavras que considero serem injustas, quero-lhe mostrar a minha raiva, mas sou impedida pela aproximação de uma cliente.

Viro-me de costas para que a mulher, falsa loira, de aspecto bastante anafado e com roupas demasiado justas para o seu corpo – mais uma a querer partilhar os seus desgostos, exibindo-os através das banhas que saltam pela roupa fora! -, não veja a minha perturbação. Logo Etelevina volta a ser a rapariga descontraída e sorridente a que estou habituada, um pouco tonta... E ainda me acusa a mim de fingir! Grande hipócrita!

O tempo permite-me acalmar, reconhecer alguma veracidade nas suas palavras e... respeitá-la um pouco mais?... a verdade é que não estava exactamente a pensar em Deus... estava a refugiar-me. *“Não, não posso me deixar levar por estes pensamentos. Tenho de me concentrar, fazer o meu trabalho...”*

Devagar, testando o terreno, umas horas depois, Etelevina aproxima-se. Tenho de reconhecer a sua persistência, tem a sua dose de coragem. E no meu íntimo, até lhe agradeço por não desistir:

– Maria...desculpa aquilo de à bocado. Não tinha o direito de te julgar daquela forma. Fui um pouco ríspida... Que sei eu?



«Devemos perdoar a quem nos ofende», sempre me ensinaram tal:

– Tudo bem, já passou. Mas devo admitir que fiquei um pouco... surpreendida com a tua reacção...

– Furiosa, diz antes! Estive cá a pensar... E se voltasses lá à igreja? Pode ser que ele volte também. Mas desta vez sem ficares muda e quieta feito uma estátua...

– As probabilidades disso acontecer são mínimas. – não sei o que me assusta mais, se o facto de acontecer, ou o de não acontecer. – Acho que seria inútil.

– E no entanto tu sentes que o deves fazer.

Observo-a. Sei que o desprezo ao qual a tinha votado já não era tão grande. Há qualquer coisa nela... como se representasse um papel... Mas no final, não representamos todos um papel?, um diferente para cada pessoa? E o maior de todos é aquele que representamos para nós mesmos. Todas as manhãs de frente para o espelho a convencermo-nos de que somos algo que não somos. Todos, sem excepção... E os maiores tolos são aqueles que se convencem do contrário. Imbecis, a Humanidade é formada por imbecis. E Etelvina, é ela imbecil? Está ela a representar um papel na sua peça ou na minha própria charada? E se for a última hipótese, coloca-se a questão do porquê. O altruísmo esconde razões egoístas, o que ganha ela? Paz, aqui no emprego? Pode ser mas não me convence. Então porquê?

Fico convencida que a minha colega está a representar o papel de tontinha por alguma razão que desconheço, mas cujo motivo sou eu. E para descobrir a razão porque o faz, só me resta jogar segundo as suas regras.

– E porque o deveria fazer? Foi só um tonto a dizer que o Inferno não existe. Não se deve levar demasiado a sério.

– Um tonto que te deixou a pensar no assunto, e perturbou-te de tal forma, que tiveste de vir falar comigo, e olha que tu não és muito dada a confidências... mas isso já não preciso eu de to dizer.



Reparo que está a ficar aborrecida. Sinto um certo gosto nisso. A Etelvina... cujos olhos estavam sempre sorridentes... Deus, como eu invejo aqueles bonitos olhos sorridentes.

– Foi uma tontice da minha parte. Com certeza que Deus não quererá que eu volte a ter algum encontro com o homem.

– Estás com medo. – Cruza os braços, aquela atitude de confiança irrita-me. – Sabes que te estás a comportar como uma adolescente? – Silêncio amuado da minha parte – fazemos o seguinte, estamos quase a fechar, eu vou contigo.

– É que nem pensar. Eu vou, prometo que vou.

– Não me convences, eu vou contigo. – Está verdadeiramente a gostar da situação, e agora não vai largar o osso. E o pior é que fui eu a dar-lhe o osso. Como é que a despacho?

O ódio e a frustração crescem dentro de mim, pela impotência em que me encontro e principalmente pelo facto de ver alguém agarrado a mim. Não gosto, não quero! *“Afasta-te! Não vês que não gosto de companhia? E muito menos de me comportar ridiculamente?!”*

Etelvina assume o meu silêncio como conformação. Percebe, tem de perceber pela minha expressão que detesto a ideia, mas acha que aceito.

– Então está combinado. – Não me dá tempo para lhe responder. Afasta-se com uma cliente. O trabalho obriga-me a fazer o mesmo.

Não tenho gosto nenhum pelo meu trabalho, em estar a fazer atendimento ao público. Com clientes estúpidas e broncas, mas independentemente do que possa sentir, tenho que desempenhar mais este papel na vida, factos são factos, e preciso do dinheiro. E a este emprego já me conformei. Não sou mulher de mudanças. Não gosto de mudanças. As mudanças nunca trazem nada de bom, só as faço quando tenho mesmo de as fazer. Acarretam demasiadas emoções, e as emoções são sinónimas de descontrolo. Embora reconheça que tanto faz estar aqui, como noutra sítio qualquer, por isso mais vale estar aqui. Sou demasiado comodista. Não o deveria ser, o comodismo é preguiça, e a preguiça é um dos sete



pecados mortais. Deus não a tolera. Também não tolera a Ira. O pecado é penalizado com o Inferno. Como será o Inferno? Admito que penso, com um certo desejo, no Inferno. Talvez Etelvina tenha razão, talvez ela acredite mais do que eu em Deus, “*Mas certamente, eu acredito mais no Diabo que ela!*”. Aquela ideia agrada-me, de tal forma que continuo pelo resto da tarde bem-disposta. Ou pelo menos não tão mal disposta.

Fechamos a loja e lá nos dirigimos para a igreja. Sinto uma ansiedade como à muito não sentia. Não é a do costume. Não são as emoções do costume, há uma alteração, uma mudança. Não gosto.

Sei que Etelvina vai a tagarelar pelo caminho todo, mas não consigo tomar atenção ao que diz, na verdade, nem quero. Preferia que ela fosse calada. Ainda penso em dizer-lho, mas percebo a tempo que o resultado seria pior. Aí estaria a dar-lhe uma oportunidade de me observar, invés as lojas. De ver o meu escárnio, a fúria que cresce em mim, a vontade de magoar aqueles que conosco se cruzam. Tento levantar a cabeça. Não quero que ela saiba...porquê? Vergonha? Que me importa o que pensa? Não é ninguém, é só uma pessoa que se cruzou no meu caminho e à qual me vejo actualmente, presa. Odeio-a! Quem me dera que desaparecesse. Mas não, ali contínua.

O meu coração a bater com mais força. Chegámos! Quem me dera que nunca tivéssemos chegado. Que o caminho continuasse, sempre, para sempre... mas ali estava a igreja, e à sua frente, nós!

Etelvina sorri, entusiasmada perante a ideia de me ver confrontada com um desconhecido. Eu... estou aterrorizada.

Não o quero ver. Não quero ver desconhecidos. Não quero falar com desconhecidos. Principalmente aquele desconhecido... e se ele for realmente o Demónio? Terei eu forças para lutar contra ele? Sei que não. Sou demasiado fraca... não sou como aqueles belos anjos que me aguardam lá dentro.

A imagem dos anjos anima-me um pouco, dá-me um pouco de coragem. Isso e a insistência de Etelvina. Não admira que ela venda tanto,



teimosa como é, ou o cliente compra, ou compra! Não dá muita escolha.

Como foi mesmo que eu me coloquei naquela situação?! Por uma estupidez. Começa a doer-me a cabeça. Não tenho escolha, entro.

Fecho os olhos, sinto o ar refrescante da igreja a envolver-me. Mais uma vez aquela sensação de paz que me acalma sempre.

Não olho para os santos, baixo a cabeça aos anjos. Sinto vergonha. Sei que o que estou a fazer é errado. Sinto-me como uma prostituta a angariar clientes. E não é o que estou ali a fazer, a tentar angariar um cliente? O cliente. Sento-me no mesmo local que no dia anterior. «Sentes que é algo que deves fazer», ouço a voz de Etelvina a ecoar dentro da minha cabeça. Pergunto-me mais uma vez como é que me deixei arrastar para aquela situação. Etelvina senta-se um pouco afastada de mim, na ala direito. Aquilo não está bem, aquele lado nunca deveria ser ocupado.

Baixo a cabeça, vexada e intimidada com o que possa acontecer. O Tempo passa. Algumas pessoas vão entrando, outras saindo. Principalmente idosos, alguns turistas, poucos jovens. É com alívio que percebo que o misterioso homem da tarde anterior não aparece. Vejo que Etelvina começa a aborrecer-se de estar ali. E porque está ali? Sabia tanto quanto eu que o mais provável era não vir a haver nenhum encontro. Então porque estava ali? Devo admitir que a sua presença me dá uma certa força, que o hoje, não custa tanto quanto o ontem... Mas isso assusta-me. Não me posso deixar envolver demasiado. Fazer o jogo dela, para saber o que pretende, sim, confundir a realidade com o papel assumido, não. Engraçado, nem a sua idade sei. Penso nela muitas vezes como uma rapariga, mas não deve ser muito mais nova do que eu.

Etelvina sorri e faz-me sinal para sairmos. Aceito logo a sugestão. Descemos até ao Rossio, vai apanhar o comboio até casa, vive em Rio de Mouro. Continua a haver imensa gente na rua e é com satisfação que entro no metro. Que sinto o enxame de emoções diárias. Se bem que não tão fortes. Subo a Morais Soares. A esta hora são poucas as pessoas que se vêem naquela rua, sempre apinhada às horas em que as lojas se encontram



abertas, mal estas se fecham, rapidamente se esvazia, e se nota mais a sua decadência e sujidade.

Subo a rua com prazer, gosto de andar. É uma das poucas coisas que faço pelo prazer que me dá. Um vagabundo encontra-se encolhido no meio de trapos imundos. Reage com fúria ao meu olhar. Não me assusta, a minha ira é superior à sua. Mas nem sequer o meu desprezo obtém.

As pessoas deviam ser todas vagabundas, sempre seriam mais honestas, exteriorizando a sua sujidade. Sempre podiam amar a sua infelicidade com maior ardor. “*És um felizardo e nem o sabes.*” Ou sabe? Com certeza que sim. Eu sim mereço o seu desprezo, pois ele tem a coragem de se entregar à sua desgraça.

Durante os dias seguintes, apesar de eu estar à espera, nunca mais a minha colega falou em voltarmos à igreja, preferindo voltar ao seu tema favorito, o Diogo. O namorado que a trai, ou pelo menos eu penso que sim. Mas que sei eu?

Deixo de ir àquela igreja, as outras não me atraem. Sinto saudades daqueles dois anjos, os anjos guerreiros. Reconheço que era atraída lá, por eles. Que absurdo. Aquela não deve ser a razão que me leva a ir a uma igreja. Deus sim, não dois anjos de pedra. Decido que tenho de me ir confessar. São demasiados pecados, e há muito que não me confesso. Mas preciso de ser punida, não de receber o perdão, e os padres insistem sempre no perdão... Tenho de voltar ao lar de Deus.

Começo a frequentar várias igrejas, como o amante que percorre diversos corpos, negando-se àquele que realmente deseja. Confesso-me por diversas vezes, mas nunca recebo penitência que me alivie. Acabo por desistir, descubro que quero viver com os meus pecados, com o sabor destes, com a dor destes...

Volto lá, estou a olhar para a porta, a tentar decidir se devo entrar ou